



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LETRAS- PORTUGUÊS**

**LÍGIA GABRIELA DA CRUZ DOS SANTOS**

**PROBLEMATIZANDO A ABORDAGEM DOS GÊNEROS  
LITERÁRIOS: DAS CONCEPÇÕES DO PROFESSOR AO TRABALHO  
REALIZADO NO LIVRO DIDÁTICO**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2018**

**LÍGIA GABRIELA DA CRUZ DOS SANTOS**

**PROBLEMATIZANDO A ABORDAGEM DOS GÊNEROS  
LITERÁRIOS: DAS CONCEPÇÕES DO PROFESSOR AO TRABALHO  
REALIZADO NO LIVRO DIDÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Ligia Gabriela da Cruz dos.  
Problematizando a abordagem dos gêneros literários [manuscrito] : das concepções do professor ao trabalho realizado no livro didático / Ligia Gabriela da Cruz dos Santos. - 2018.  
45 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."  
1. Livro didático. 2. Gênero literário. 3. Formação do Leitor.  
21. ed. CDD 808

LÍGIA GABRIELA DA CRUZ DOS SANTOS

**PROBLEMATIZANDO A ABORDAGEM DOS GÊNEROS  
LITERÁRIOS: DAS CONCEPÇÕES DO PROFESSOR AO TRABALHO  
REALIZADO NO LIVRO DIDÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Orientador: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Aprovada em: 19/06/2018

**BANCA EXAMINADORA**

Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Amasile Coelho Lisboa da Costa Souza  
Profa. Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Souza (Avaliadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Micaela Sá da Silveira 9,0  
Prof. Me. Micaela Sá da Silveira (Avaliadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades encontradas no caminho.

À minha querida professora, Ana Lúcia, pelo exemplo de profissional, pelas leituras sugeridas, pela disponibilidade, responsabilidade, dedicação e paciência ao longo dessa orientação.

Aos meus pais, Luzinete e José Lourenço, pela compreensão e por me ajudar financeiramente durante toda a formação acadêmica contribuindo para realização desse sonho.

Ao meu namorado, Jemerson Matheus, pelo carinho, incentivo e, principalmente, por estar presente em todos os momentos especiais da minha vida.

Aos professores do curso de Letras-Português que contribuíram para o meu desempenho durante as aulas.

Aos coordenadores e funcionários do departamento de Letras, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos maravilhosos que vivenciamos durante o curso de Letra-português.

Aos meus familiares que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Literatura: palavra em liberdade, de infinitos caminhos e direções, puxando o interlocutor para a prática da participação e do prazer. Das caminhadas curtas ou longas, da penetração nas surpresas impactantes da ficção, resulta sempre em olhar diferente, talvez mais inteligente, mais sensível, mais humilde... Ler literatura? Voar junto para outros lugares humanos, próximos do meu porque também meus, e hermeneuticamente retornar, agora muito mais conectado aos conhecimentos da vida. (ZILBERMAN & SILVA, 1990, p. 21).

## RESUMO

Este estudo corresponde a uma análise da abordagem dos gêneros literários pelo livro didático direcionado aos alunos do 6º ano de uma escola pública do município de Umbuzeiro-PB. O objetivo desta pesquisa foi investigar a respeito do tratamento dado pelo livro didático ao texto literário e refletir acerca da influência da abordagem para a formação do leitor. A pesquisa sobre o livro didático se justifica pelo fato de que este recurso torna-se, muitas vezes, o único material de leitura oferecido aos alunos da educação básica pública. Além disso, com as mudanças nas concepções de literatura, texto literário, leitura e leitor apresentadas nas últimas décadas, torna-se imprescindível investigar a posição do livro didático em relação a essas novas perspectivas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica centrada na análise do livro didático *Tecendo Linguagens: língua portuguesa* (2015), de Tania Amaral Oliveira et al. Foi analisado também um questionário aplicado com duas professoras que trabalham com o referido livro em sala de aula, a fim de conhecer a opinião das professoras acerca do livro, bem como estabelecer uma comparação entre as concepções e metodologias das professoras e a apresentada pelo livro em relação aos gêneros literários. A discussão está fundamentada nas contribuições teóricas de Cosson (2006), Coracini (1999), Soares (2007), Solé (1998) dentre outros.

**Palavras-Chave:** Livro didático. Gênero literário. Formação do leitor.

## RESUMEN

Este estudio corresponde a un análisis del abordaje de los géneros literarios por el libro didáctico direccionado a los alumnos del 6º año de una escuela pública del municipio de Umbuzeiro- PB. El objetivo de esta búsqueda fue investigar a respecto del tratamiento dado por el libro didáctico al texto literario y reflejar sobre la influencia del abordaje para la formación del lector. La búsqueda sobre el libro didáctico se justifica por el hecho de que este recurso didáctico tornase, muchas veces, el único material de lectura ofrecido a los alumnos de la educación básica pública. Además, con las mudanzas en las concepciones de literatura, texto literario, tornase imprescindible investigar la posición del libro didáctico en relación a esas nuevas perspectivas. Para tanto, fue realizada una búsqueda bibliográfica centrada en el análisis del libro didáctico *Tecendo Linguagens: língua portuguesa* (2015), de Tania Amaral Oliveira et al. Además, fue analizado un cuestionario aplicado con dos profesoras que trabajan con el referido libro en el aula, a fin de conocer la opinión de las profesoras sobre el libro, bien como establecer una comparación entre las concepciones y metodologías de las profesoras y a presentada por el libro a través de los géneros literarios. La discusión está fundamentada en las contribuciones teóricas Cosson (2006), Coracini (1999), Soares (2007), Solé (1998) entre otros.

Palabras- llave: Libro didáctico. Género literario. Formación del lector.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 GÊNERO LITERÁRIO, LEITURA E LIVRO DIDÁTICO</b> .....	11
2.1 Um pouco de história dos gêneros literários.....	13
2.2 A leitura.....	15
2.3 Livro didático e formação do leitor.....	17
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	19
3.1 A natureza e o objeto da pesquisa.....	20
3.2 Aspectos relacionados à coleta e análise dos dados.....	20
3.3 Conhecendo o livro didático selecionado.....	21
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	23
4.1 Concepções das professoras.....	24
4.2 Os gêneros literários no livro didático.....	27
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>Apêndice (Questionário aplicado com as professoras)</b> .....	41
<b>Anexo (Sumário do livro didático analisado)</b> .....	44

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a abordagem dos gêneros literários nos livros didáticos já rendeu vários estudos, mas continua sendo retomada tendo em vista a necessidade atual da investigação acerca da abordagem do livro didático frente às mudanças nos suportes e gêneros literários geradas com o advento da internet e das novas tecnologias.

Nesta pesquisa focalizamos a investigação dos gêneros literários abordados por duas professoras do 6º ano do ensino fundamental e pelo livro didático utilizado em sala de aula pelas referidas docentes.

A questão norteadora da pesquisa é: Qual o tratamento dado pelo livro didático do 6ª ano do ensino fundamental ao (s) gênero (s) literário(s) e de que forma essa abordagem contribui para a formação do leitor?

A pesquisa delimitou como objetivo geral investigar a abordagem dos gêneros literários pelo livro didático e a consequência desta abordagem para a formação do leitor. E os objetivos específicos são: 1) verificar de que forma o texto literário é apresentado aos alunos de ensino fundamental II (6º ano) no livro didático de Língua Portuguesa; 2) estabelecer uma comparação entre as concepções das professoras em relação aos gêneros literários e a proposta do livro didático utilizado pelas docentes em sala de aula.

Tomamos como *corpus* de análise o livro didático *Tecendo Linguagens: língua portuguesa* distribuído às escolas públicas por meio do PNLD, entre 2015 e 2017. Através de uma pesquisa bibliográfica de cunho quantitativo/qualitativo, investigamos no livro didático os seguintes elementos: 1) gêneros literários presentes; 2) autores selecionados; 3) forma de apresentação do texto (na íntegra, fragmentado, adaptado); 4) linguagens apresentadas (verbal, visual); 5) atividades realizadas a partir dos textos; 6) aspectos explorados nas atividades.

Quando pensamos no livro didático precisamos ter claro que além de um recurso pedagógico, os compêndios (de agora em diante LD) correspondem também a um objeto mercadológico, conforme destacam Lajolo e Zilberman (1999):

O livro, suporte físico e de um saber, mas também objeto industrializado submetido à compra e venda, vale dizer, mercadoria, é parte integrante, até essencial, dos mecanismos econômicos próprios do capitalismo. Assume marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada; neste caso, contratos de edição e impressão, meios de distribuição e venda, regras de tradução e condensação constituem operações que viabilizam a dimensão econômica do processo inteiro que se abre com um original e desemboca num livro (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 60).

Logo, é preciso ter um olhar crítico para este objeto, que pretende atender a públicos, interesses, ideologias e contextos históricos diferentes. É importante lembrarmos também que, conforme ressalta Coracini (1999), o LD muitas vezes representa a única fonte frequente de leitura de professores e professoras, uma vez que, segundo sua pesquisa, os professores de ensino médio com os quais trabalhou utilizavam basicamente nas suas aulas os textos presentes no livro didático.

Devido à importância que o livro didático adquire no cotidiano escolar brasileiro, este estudo pretende contribuir com algumas reflexões a respeito da inserção e do papel desse material na sala de aula. Para uma organização da pesquisa realizada dividimos a presente monografia em capítulo um que trata da Introdução, o segundo aborda os gêneros literários numa perspectiva histórica e reflete a respeito do tratamento dado aos gêneros na escola hoje. O terceiro capítulo fala sobre os aspectos metodológicos da pesquisa. O quarto corresponde à análise dos questionários aplicados com as professoras e do livro didático selecionado como *corpus* de estudo. Posteriormente temos as considerações finais, referências, apêndices e anexos.

## **II**

# **GÊNERO LITERÁRIO, LEITURA E LIVRO DIDÁTICO**

[...] quase nunca se consegue garantir que a leitura literária do aluno se realize integralmente [...]. Entre o aluno/leitor e o autor apresentado, as interferências são tantas, atingindo desde a integridade dos textos [...] até a conduta invasiva das atividades de compreensão que estreitam as possibilidades de leitura do aluno. (BRANDÃO E MARTINS, 2003, p. 263).

## 2.1 Um pouco de história dos gêneros literários

A classificação dos textos literários em gêneros tem sua origem na Grécia Antiga, especificamente na produção de Platão e Aristóteles. Na Antiguidade, constituem-se como principais formas literárias a epopéia, a tragédia e a comédia, além de modalidades caracterizadas como pertencentes ao gênero lírico: o ditirambo, a ode, o hino, o epigrama, a égloga.

Para os filósofos gregos, a reflexão sobre os gêneros encontra-se fixada em três princípios: 1) normatividade (cada gênero tem suas regras de composição); 2) hierarquia (há gêneros tidos como superiores – por exemplo, a tragédia) – e outros considerados inferiores – por exemplo, a comédia); 3) pureza (não se admite em princípio a possibilidade de uma obra combinar elementos de gêneros diversos).

Na Idade Média, apesar de prevalecer a visão tradicional Greco-latina, surgem novas técnicas e formas sem antecedentes no Classicismo antigo, desencadeadas por rupturas nos planos: linguístico, cultural, social e religioso. Surgem modalidades líricas, narrativas e dramáticas propriamente medievais. Entre as manifestações líricas, destaca-se a cansó provençal, base do lirismo trovadoresco que se difunde na Europa em torno do século XIII.

Entre as narrativas, destacam-se: as épicas escandinava (sagas), francesa (canções de gesta), espanhola e alemã, bem como formas em prosa como a novela de cavalaria e o conto burguês. Entre as manifestações dramáticas, merecem destaque, o teatro cômico francês (sotias, farsas, pastorais e monólogos dramáticos) e o teatro religioso (milagres, mistérios, autos).

No Renascimento revitalizam-se os gêneros antigos, epopéia e tragédia; canoniza o soneto, inventado por volta do século XII. Na época romântica, enfatiza-se a ideia de liberdade criativa; desestabiliza-se a teoria clássica dos gêneros, rompendo com critérios como o de pureza e hierarquia; abre-se espaço para gêneros considerados como representativos dos ideais da sociedade de classes emergente e burguesa: o romance e o drama; a lírica abandona as formas fixas valorizadas no período clássico (balada, vilancete, rondel, rondó, triolé, terceto, décima, oitava, entre outras), optando por formas mais livres, criadas de acordo com a subjetividade dos poetas.

No século XIX, Realista-Naturalista, destaca-se o conto moderno e a hipótese teórica fundamentada na visão de que as modificações históricas sofridas pelos gêneros são análogas a evolução das espécies biológicas. Assim, do mesmo modo que uma espécie animal surge, se

desenvolve e desaparece, vencidas por outras espécies melhor adaptadas ao meio ambiente, também o gênero cumpriria o mesmo ciclo.

No século XX, a partir do Modernismo, há um investimento na liberdade criativa, surgida no romantismo, multiplicando-se assim experiências inovadoras como a introdução do verso livre, rompendo com os velhos padrões regulares da métrica, da rima e da estrofação.

No texto “Aspectos do conto e do romance na atualidade”, presente no livro *O conto e o romance contemporâneos na perspectiva das literaturas Pós-autônomas* (2016), o professor Antônio de Pádua defende que na contemporaneidade predomina uma noção mais aberta do que ele chama de “escritas”. De acordo com o professor:

Sustento a tese de que muito da produção literária da atualidade está situada na condição daqueles textos apontados por Josefina Ludmer como Literaturas pós-autônomas, ou seja, apesar de seu “enquadramento funcional” em um gênero específico, por não cumprirem os estratagemas da forma, por se distanciarem do ideal de gênero em prosa em que continuam sendo assinalados ou inscritos no campo da linguagem, como o faz a Biblioteca Nacional, no momento de solicitação de ISBN, são produções textuais (não importa, aqui, os suportes em que se situam, em que passam a existir, a temática abordada, as con-fusões linguísticas elaboradas) que não se arrogam o direito de passar por um crivo literário, porque a noção de literatura há bastante tempo tem se elasticado. Não querem ser avaliadas pelos critérios da teoria e da crítica literárias, porque se trata de textos que não querem ser literatura (no sentido tradicional) e, embora o paradoxo se estabeleça, são publicados como literatura (no sentido atribuído hoje). Na verdade, a identidade de gênero literário a que possa pertencer o texto escrito parece ter pouca importância para o sujeito autor, cuja intenção parece centrar-se unicamente no modo de encontrar um público leitor (através da logística mercadológica, das estratégias disponíveis e usadas por cada um). (SILVA, 2016, p.24-25).

Paralela a esta discussão histórica e cultural sobre os gêneros literários, a leitura do texto literário na escola continua atrelada, muitas vezes, à discussão estrutural dos gêneros/textos, isto é, preocupada com questões formais (quem são os personagens? Qual o tipo de narrador? Quantas estrofes têm o poema e etc.)

É importante lembrar que os gêneros literários nas práticas escolares tradicionais, conforme assinalou Marisa Lajolo (1982) sobre o ensino da leitura nas escolas brasileiras, foi utilizado como pretexto para a assimilação de regras gramaticais, valores patriotas, dogmas comportamentais, bem como para a memorização de listas de vocabulário de informações convergentes contidas nos textos e obtidas, segundo perguntas fechadas de questionários duvidosos.

Sabemos que a prática da leitura exige compreensão do que é lido, caso contrário o leitor será apenas mais um analfabeto funcional, isto é, indivíduo que decodifica, mas não compreende o que lê.

Além disso, conforme ressalta Solé, é papel da escola formar leitores autônomos, ou seja:

[...] significa formar leitores capazes de aprender a partir de textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes... (SOLÉ, 1998, p.72).

A presença dos gêneros literários no livro didático adotado atualmente no ensino fundamental precisa avançar para além da “escolarização inadequada”, expressão utilizada por Magda Soares (2003) em referência à abordagem do texto literário por um viés meramente didático e pedagógico, desconsiderando o caráter literário. No livro em estudo, verificaremos, na análise dos dados, se a escolarização do texto literário mostra-se adequada ou inadequada.<sup>1</sup> Antes, porém, no tópico a seguir, refletiremos a respeito da concepção de aspectos metodológicos da pesquisa.

## 2.2 A leitura

Antes de tudo precisamos compreender o que é ler. A leitura é um processo de interação ativa do leitor com o texto. De acordo com Solé (1998):

Nessa compreensão intervêm tanto para o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias precisamos nos envolver em processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ 1998, p.23).

Na leitura, o leitor mobiliza estratégias diversas. As estratégias de leitura acontecem de forma inconsciente, ou seja, o processamento de informação que adquirimos no ato da leitura se dá de maneira automática. É evidente que a leitura dos objetivos ficam explícitos durante a leitura como forma de roteiro para a compreensão do leitor. Todavia, a leitura só tem sentido quando traçamos no final um significado de construir uma interpretação, podemos

---

<sup>1</sup> Segundo Soares (2003, p.25), a escolarização “adequada é aquela que conduz mais eficazmente à prática de leitura que ocorre no contexto social e as atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que quer se formar”. Já a escolarização “inadequada, errônea, prejudicial da literatura é aquela que antes afasta que [se] aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou versão à leitura” .

dizer ainda que a leitura precisa ser feita por prazer e não por obrigação. Quando tratamos de estratégias de leitura, percebemos que o ensino de literatura está interligado a compreensão leitora. As estratégias apresentadas tratam-se de um procedimento que contém algumas características, e com isso, COLL 1987 explica que: *“Um procedimento- com frequência chamado também de regra, técnica, método destreza ou habilidade – é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, isso é dirigidas à consecução de uma meta”*(COLL,1987, p.89). As estratégias de leitura acontecem de forma inconsciente, ou seja, o processamento de informação que adquirimos no ato da leitura e escrita é de maneira automática. Entretanto, entramos em um estado que é caracterizado pela necessidade de aprender ou compreender determinados textos. Para Solé (1998):

As estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado que envolvem a presença de objetivos a serem alcançados, o planejamentos das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança (SOLÉ 1998, p.69-70).

O processo em questão favorece a formação do leitor crítico em detrimento ao “leitor vítima” (OCEM 2006). Na concepção de Umberto Eco (1988), o leitor crítico seria aquele que além do narrar se ocupa do modo como se enunciam as questões no texto. Capaz de formular suas próprias hipóteses, construir suas próprias interpretações, baseadas nas pistas linguísticas oferecidas pelo texto.

De acordo com os documentos oficiais, como as OCEM (2006 p.69), compete à escola formar leitores críticos. Na tentativa de ultrapassamos os exercícios de metaleitura, Cosson (2006) nos lembra da importância do letramento literário para o processo de ensino e aprendizagem. Sobre a seriedade de estimular a leitura literária comenta:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, sobretudo, porque nos oferece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2006 p.30).

Desta forma, há a necessidade de que os professores invistam em práticas que privilegiem o letramento literário, atentando para as potencialidades da literatura, esforçando-se para se livrar de preconceitos didáticos que o obrigam a cobrir um conteúdo mensurável e visível, abrindo-se para as múltiplas possibilidades a exemplo de (...) leitor oferecidas pelos escritos literários e não apenas nos preceitos dos livros didáticos.

Vale ressaltar o que Cosson (2006) explica sobre a leitura e a escrita literária:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencentes. A literatura nos diz o que

somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2006 p.17).

A leitura do texto literário no ensino fundamental II é sem dúvida muito importante para o aluno nesta fase de sua formação escolar. O texto literário promove um encontro especial com a leitura e, através deste contato, o aluno descobre e interage com diferentes modos de ser e viver, ampliando a sua forma de ver a si mesmo e o (s) outro (s).

A leitura dos textos literários em sala de aula trilhado pelo professor do ensino fundamental II revela que as crianças e os jovens de hoje estão ficando mais empolgados com os textos poéticos, que nesse caso é o estudo dos poemas. Visto que também é um texto curto e que prima pela interpretação do leitor em cada verso. Sem contar que há varias maneira de abordar esse gênero, mas que devemos prezar pelo conhecimento de cada aluno e a partir das expectativas apresentadas busquemos oferecer obras que possam atender e solucionar a dificuldade do leitor. Quando tratamos da leitura de textos literários como interação social, perceberemos que a comunicação é um dos meios que proporcionam o desenvolvimento da sociedade, mediante práticas sociais que integram no convívio escolar.

### **2.3 Livro didático e formação do leitor**

O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé: conceito de leitura-texto-exercício: “[...] o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se justifica quando explicita uma finalidade – a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer” (ZILBERMAN, 1988, p. 111).

Logo, o texto literário é abordado pelos livros didáticos de tal forma que acaba dissociado de sua qualidade artística, não pragmática, transformando-se em mero texto didático. Muitas vezes não são dados para ler, nesses materiais didáticos, textos reproduzidos na íntegra, mas são apresentados ao leitor recortes, fragmentos de textos anteriormente publicados com outros objetivos que não a leitura por prazer.

Outra questão problemática no livro didático é o modelo seguido para estudar literatura. Na maioria das vezes focaliza-se a história da literatura e não as obras em particular. Os estilos de época e sua ordem cronológica marcam as páginas dedicadas à literatura nos LDs.

Por eleger uma formação de caráter enciclopédico, acaba-se por se conhecer muito pouco da obra, sobretudo no que ela tem de singular.

A fragmentação é justificada pelo fato de funcionar como uma espécie de estratégia de facilitação da leitura dos textos pelos alunos. A obra recortada compromete a interpretação, e muitas vezes desestimula a leitura da obra integral, sem contar que tal estratégia subestima a capacidade interpretativa dos alunos.

Para uma melhor abordagem do texto literário em sala de aula é necessário que o professor não se limite ao manual didático, mas que possa expandir as discussões fomentadas pelo livro com textos extras, ampliando assim o horizonte interpretativo dos alunos. Torna-se necessário, dessa forma, abrir espaço na escola para leitura de diversos textos literários, em diferentes suportes, não só nos livros didáticos, ou nos livros físicos, mas também livros digitais em seus mais variados formatos. Para isso, é necessário traçar objetivos que visem, através de práticas de ensino-aprendizagem significativas, resultados exitosos, amparados pela premissa de que a leitura permite o compartilhamento entre experiências e saberes.

### **III**

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

O presente capítulo está organizado para explicar os procedimentos metodológicos abordados desde a instabilidade do objeto de estudo até a descrição das etapas da pesquisa. A escolha do livro Tecendo linguagem Língua Portuguesa foi porque as entrevistadas usavam o livro em sala de aula e com isso, nada mais justo do que analisar as concepções das docentes e o livro utilizado por elas. E escolhemos apenas uma unidade para trabalhar e mostrar como os gêneros literários são apresentados nos LDs.

### **3.1 A natureza e o objeto da pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, voltada para a análise do livro didático. Podemos classificar também a presente monografia quanto à forma de abordagem do problema em qualitativa e exploratória, pois promoveu um levantamento de dados sobre as motivações de um dado grupo, no caso duas professoras do ensino fundamental/ anos finais, buscando compreender e interpretar a opinião e as expectativas delas em relação aos gêneros literários. É exploratória, portanto, não tem o intuito de obter números como resultados.

Foi selecionado para análise um livro didático aprovado pelo MEC e destinados ao 6º ano do ensino fundamental. Trata-se do livro Tecendo Linguagens: língua portuguesa distribuído às escolas públicas por meio do PNLD, entre 2017 e 2019.

### **3.2 Aspectos relacionados à coleta e análise dos dados**

A pesquisa foi organizada em três momentos: primeiro elaboramos e aplicamos um questionário com duas professoras do 6º ano do ensino fundamental. A aplicação do questionário objetivou identificar o livro didático adotado pelas docentes e conhecer as concepções metodológicas que embasam a abordagem dos gêneros literários em sala de aula.

Posteriormente, realizamos uma análise das respostas apresentadas pelas docentes. Os nomes das professoras encontram-se apresentados de forma ficcional, de forma a preservar a identidade das educadoras

Em seguida, procedemos à análise do livro didático. O único critério seguido para a escolha do livro foi o de ser adotado pelas professoras.

A análise do livro foi feita de acordo com as questões aqui apresentadas:

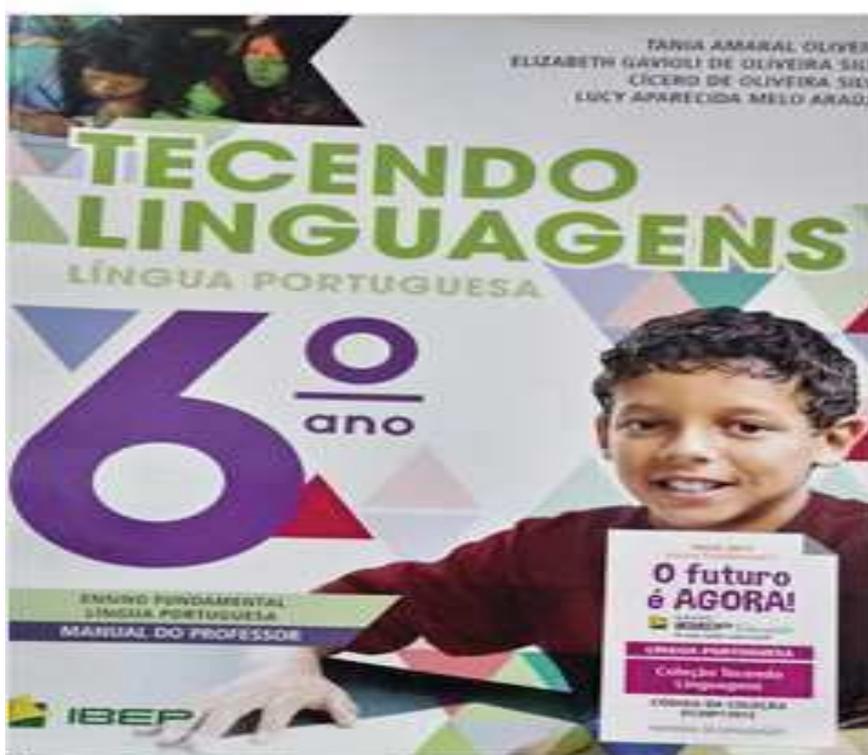
1. Quais os gêneros literários que aparecem com maior frequência no livro didático?
2. De que maneira estes gêneros literários estão apresentados no livro didático?
3. Predominam textos contemporâneos ou pertencentes ao cânone?
4. Que tipos de atividades o livro didático traz em relação aos gêneros literários expostos?

Com relação a esta última questão, selecionamos uma unidade para mostrar e analisar algumas atividades propostas pelo livro didático.

### 3.3 Conhecendo o livro didático selecionado

O livro Tecendo Linguagens têm como autoras: Tania Amaral de oliveira, Elizabeth Gavioli de Oliveira Silva, Cicero de oliveira Silva e Lucy Aparecida Araújo e faz parte da editora IBEP. As ilustrações são de Jótah e Renato Arlem. O livro tecendo linguagem é composto por unidade e subdividido em capítulos conforme o sumário. Na organização do livro em cada capítulo tem um tópico que traz o seguinte tema: prática de leitura e nele encontramos vários gêneros textuais, que vão dos visuais aos verbais. (ver anexo)

Imagem 01



<https://www.google.com.br/search?q=imagem+livro+didático+tecendo+linguagens&rl>

Apresentamos a seguir a avaliação do livro pelo MEC:

A coleção apresenta textos de qualidade, com temas que ampliam o horizonte de valores do aluno e lançam questões relevantes para a formação da cidadania. A obra indica os contextos de produção e circulação dos textos

da coletânea e dos textos a serem escritos. As práticas de escrita, normalmente contextualizadas, recobrem um universo amplo de gêneros. Os volumes permitem a exploração de várias estratégias de leitura, ainda que algumas capacidades não sejam substancialmente trabalhadas. No eixo da análise lingüística, embora o foco esteja na ortografia e na morfossintaxe, conhecimentos textuais e discursivos também são trabalhados. Entretanto, a obra não apresenta um tratamento adequado da oralidade, embora favoreça a interação oral em sala de aula. Não são sugeridos ao professor procedimentos de avaliação; a auto-avaliação é proposta apenas para o eixo da produção escrita.  
(portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007\_port.pdf)

Percebemos que embora a avaliação do MEC afirme que os livros da coleção “recobrem um universo amplo de gêneros”, não é mencionada ao longo da avaliação referência aos gêneros literários. No entanto, pelo sumário (ver anexo p. 46) do livro é possível identificar a presença de gêneros literários, embora limitados como analisamos no próximo capítulo.

## **IV**

# **ANÁLISE DOS DADOS**

#### 4.1 Concepções das professoras

É indiscutível que o professor exerce um papel fundamental em sala de aula, pois é a partir da sua concepção de literatura, gênero literário, leitura e método de abordagem do texto literário que poderá ou não oferecer ao aluno encaminhamentos metodológicos que propiciem um encontro significativo com os diversos gêneros.

As respostas das duas professoras apresentam posições que ora se aproximam ora se diferenciam. É preciso registrar que elas lecionam em escolas públicas sendo que uma é da rede municipal de ensino e a outra atua na rede estadual. Nomeamos (A) para a professora da rede municipal de ensino e (B) para a professora da rede estadual.

A professora (A) tem a graduação completa e tem poucos anos de experiência com o ensino de português no fundamental II. A professora (B) também tem graduação completa, mas tem 25 anos de experiência como professora de português em diversas séries. É muito importante apresentar essa informação curricular das profissionais, porque muitos professores de cidades do interior quando ainda estão cursando o primeiro período de Letras já começam ensinar, o que não é o caso das nossas entrevistadas.

O questionário aplicado é composto por nove perguntas, as quatro primeiras são de identificação profissional e as demais relacionadas ao trabalho com os gêneros literários (ver apêndice p.44/45). A aplicação do questionário foi na cidade de Umbuzeiro-PB com duas professoras de rede pública.

Daremos sequência na análise a partir da quinta pergunta em que abordamos os gêneros em sala de aula, uma vez que já descrevemos o perfil das entrevistadas. Na quinta pergunta, realizamos o seguinte questionamento:

Você trabalha a leitura dos textos literários em sala de aula? Por quê?

A professora (A) respondeu dizendo que:

“Sim. Porque o texto literário é algo que deve ocorrer, mas de forma adequada, pois é nosso papel formar leitores, além é claro, dos outros tipos de leituras que não a literária”.

A professora (B) não respondeu a esta pergunta. Quando começamos a analisar a resposta da professora (A), percebemos a necessidade de levantarmos alguns questionamentos acerca da resposta dela: qual é a forma adequada que devemos ensinar nos textos literários? Que tipo de leitores devemos formar? Quais os outros tipos de leituras? Percebemos ainda que

a professora (A) deixou implícito que a leitura dos gêneros literários é importantes para a formação dos leitores. O tipo de leitor também não é apresentado pela professora(A), pois o papel do professor é formar alunos proficientes e capazes de interpretar e compreender diversas leituras.

Na sexta pergunta queríamos saber quais os gêneros que eram trabalhados pelas professoras:

Dos gêneros literários abaixo assinale o que você costuma levar para sala de aula:  
 poema  contos  crônicas  peças  cordel   
 romances  quadrinhos  outros.

A professora (A) marcou poema, contos, crônicas, quadrinhos, cordel e peça. Já a professora (B) marcou os mesmos gêneros da professora (A), mas acrescentou alguns, tais como: fábulas, minicontos, narrativas de aventura, tirinhas e relato pessoal. Os gêneros que a professora (A) mostra diferencia um pouco dos que o livro didático adotado por ela apresenta, ou seja, o livro apresenta recortes de romances e de contos e pouco trabalha poemas. A professora (B) apresenta outros gêneros, inclusive que não são literários. Todavia, o nosso objetivo aqui é focar apenas os gêneros literários. Constatamos também que nenhuma das professoras menciona partir do gosto ou interesse dos alunos na seleção dos textos que serão lidos.

Segundo Abreu (2006), a escola precisa tornar alunos leitores, críticos e autônomos, ou seja, capazes de fazer suas próprias escolhas: “Alguns aprendem e tornam leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal” (ABREU, 2006 p.19). De acordo com a autora, os professores de Língua Portuguesa devem incentivar os alunos a lerem a partir das experiências de leitura que o aluno traz para sala de aula, de modo a enfatizar os conhecimentos sobre os gêneros literários que foram lidos por eles e partir para o que eles ainda não conhecem. Sendo assim, daremos continuidade ao desempenho do aluno e contribuiremos para o processo de aprendizagem dentro e fora do ambiente escolar. Para Cosson (2006):

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (COSSON 2006, p.62)

É preciso preparar o aluno não apenas para o contexto escolar, mas para a vida, por esta razão é tão importante que ele conheça e seja capaz de compreender os diferentes gêneros literários. São situações que ele irá se deparar ao longo de sua vida e o professor precisa estar ciente disso e assim, criar estratégias de leitura literária que possibilitem o discente a absolver tudo que o tornará um ser ativo e crítico diante da sociedade.

Na sétima pergunta:

Quais os gêneros literários eram mais explorados nas aulas das docentes e por quê?

A professora (A) responde dizendo que:

“Poema. Porque a poesia sensibiliza qualquer ser humano, inclusive as crianças, pois quando recitamos uma poesia falamos com a alma, por isso, ela precisa ser cultivada”.

Já a professora (B) respondeu:

“Minicontos, tirinhas, histórias em quadrinhos”.

Percebemos novamente que a professora (A) prioriza um gênero literário que é pouco explorado no livro didático trabalhado em sala, pois a mesma diz trabalhar poema, mas o LD trabalha mais com textos narrativos (recortes de romances, contos, crônicas). Isto pode apontar que ela não fica limitada ao livro didático. Já a professora (B), especifica alguns que são mais apresentados em sala de aula. Observando as respostas das professoras, percebemos que não é encontrado objetivo em trabalhar com os gêneros, embora seja de suma importância estabelecer objetivos ou metas a serem alcançados na leitura dos gêneros. Segundo Isabel Solé (1998):

Os objetivos dos leitores com relação a um texto podem ser muito variados, por isso vamos ver alguns. Ler para obter uma informação  
Ler para seguir instruções  
Ler para obter uma informação de caráter geral  
Ler para aprender  
Ler para revisar um escrito próprio  
Ler por prazer  
(SOLE 1998, p.46).

Na oitava questão houve uma divergência nas opiniões:

Seus alunos costumam compartilhar leituras realizadas fora do ambiente escolar?

A professora (A) falou que:

“sim, pois faço questão de trabalhar a “Mala viajante”,

fazendo com que eles levem livros para casa”.

A professora (B) foi bem categórica em sua resposta “Não”. Sabemos que a escola municipal tem um projeto de leitura intitulado “Mala viajante”, no entanto, a professora não explicita em sua resposta como este projeto funciona. Talvez esse projeto que a professora citou funcione da seguinte maneira. O aluno escolhe um livro e leva-o para casa para fazer a leitura e no prazo de uma semana ele devolve e conta a história, ou melhor, fala um pouco sobre o que entendeu. Já com relação à professora (B) percebemos que a mesma parece não incentivar o compartilhamento das leituras dos gêneros literários realizadas fora do ambiente escola. Finalizamos nosso questionário perguntando:

Quais as estratégias metodológicas que as professoras utilizam ao trabalhar os gêneros literários?

A professora (A) disse que:

“Textos literários funcionais; Textos do patrimônio oral, poemas e letras de música; Textos com a finalidade de construir e fazer circular entre as pessoas o conhecimento escolar”.

já a professora (B) respondeu:

“Realizo a leitura do texto ou convido os alunos para lerem. Após a leitura observamos e refletimos sobre a construção do sentido o jogo de palavras e ideias e os elementos do texto”.

A priori, não conseguimos encontrar as estratégias de leitura presente nas respostas das professoras, o que pode ser um indício da não compreensão acerca das estratégias de leitura. Ao observar a resposta da professora (A) percebemos que é citado os tipos de textos literários, mas as estratégias de compreensão leitora dos gêneros não são apresentadas. Fica claro para nós que a professora (A) não compreendeu a abordagem da nossa pergunta, infelizmente isso é a realidade de alguns professores que estão em sala de aula.

#### 4.2 O gênero literário no livro didático

[...] quase nunca se consegue garantir que a leitura literária do aluno se realize integralmente [...]. Entre o aluno/leitor e o autor apresentado, as interferências são tantas, atingindo desde a integridade dos textos [...] até a conduta invasiva das atividades de compreensão que estreitam as possibilidades de leitura do aluno (BRANDÃO E MARTINS, 2003, p. 263).

O livro “Tecendo linguagens-Língua Portuguesa”, direcionado às turmas do fundamental II (6ºano), é composto por quatro unidades (Unidade 1: ”Ser e descobrir-se”; Unidade 2: “Ser e conviver”; Unidade 3: Aprendendo com a sabedoria popular”; Unidade 4: “Natureza e cultura em cantos e imagens”), sendo que cada unidade tem dois capítulos e cada capítulo apresenta entre 3 e 6 gêneros textuais, que aparecem na seção, intitulada “Prática de leitura”.

Fazendo um apanhado geral da seção “Prática de leitura”, encontramos os seguintes gêneros textuais: Tela (1) romance (6), conto (3), retrato falado (1), poema (6), trovas populares (1), crônica (1), charge (2), canção (7), classificado (2), página de agenda (1), verbete (1), capa de revista (1), depoimento (1), texto didático científico (1), caso (3), fábula (2), cordel (1), debate (1), história em quadrinho (3), tiras (2) e partitura (1).

Percebemos por este levantamento que com relação aos gêneros literários há uma diversidade de textos narrativos (romance, conto, crônica, fábula) e em verso (poemas, canção, cordel). Chama a atenção também a recorrência do gênero romance, tendo em vista se trata de um livro direcionado a alunos do sexto ano, fase escolar na qual as crianças não costumam demonstrar muito interesse por esse gênero.

Observamos também que a maioria dos escritores selecionados pertence ao cânone e é do sexo masculino (28 escritores e 6 escritoras). Ressaltamos também a ausência de escritores e escritoras afrobrasileiras. (ver sumário em anexo).

Os dados revelam aspectos preocupantes na seleção dos autores dos textos. Da mesma forma que a pesquisa realizada pela professora Regina Dalcastagnè<sup>2</sup> da Universidade de Brasília (UnB), que pretendeu traçar um perfil dos escritores e dos personagens da literatura brasileira contemporânea, nos dados coletados no livro didático em estudo constatamos que o campo literário ainda é um território para poucos. As duas pesquisas revelam que os autores, na maioria, são brancos, homens, moram/moraram no Rio de Janeiro e em São Paulo.

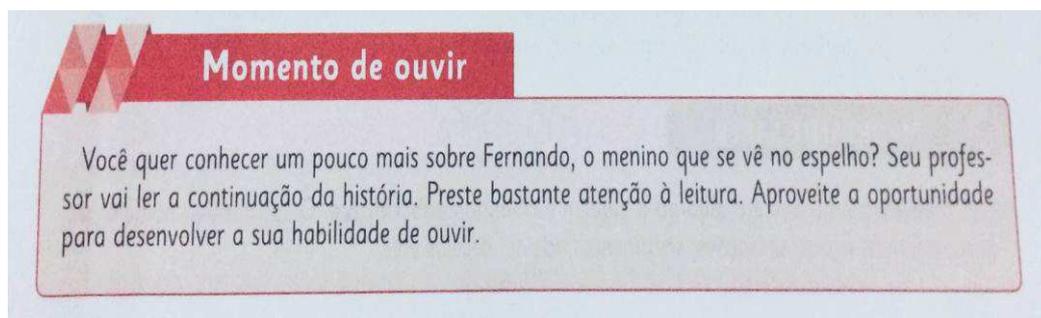
Que representação da produção literária brasileira o aluno que estuda com esse livro didático construirá? Provavelmente a de que só temos no Brasil escritores com o perfil predominante no LD. Para a discussão das atividades propostas a partir dos gêneros literários, analisamos a seguir apenas o primeiro capítulo da Unidades I, lembrando de que comentaremos apenas as atividades relacionadas à abordagem da leitura do gênero literário.

---

<sup>2</sup> O livro *Literatura Brasileira Contemporânea - Um Território Contestado* (Editora Horizonte/Editora UERJ, 208 páginas) disponibiliza os números da pesquisa.

No primeiro capítulo da unidade I, os gêneros abordados são: Romance e Crônica. O romance “O menino no espelho”, de Fernando Sabino, está na página 17/18 e é apresentado de forma fragmentada. Sabemos que obras incompletas dificultam a compreensão do leitor, mas o professor poderia dividir a turma em grupos para a discussão do romance na íntegra antes ou depois das atividades propostas pelo LD. Inclusive o LD traz a indicação da leitura completa do romance a ser realizada oralmente pelo professor em sala de aula:

Figura 01: Indicação de leitura completa do romance *O menino no espelho*



Fonte: LD

É de suma importância lembrar que a linguagem do romance é adequada para a faixa etária dos alunos, inclusive, o LD apresenta ilustração acompanhando o texto verbal. Vejamos a seguir o trabalho proposto com o gênero romance presente nas páginas 17, 18 e 19 do LD

Figura 02: fragmento do romance *O menino no espelho*

**Prática de leitura**

**Texto 2 – Romance (fragmento)**

**ANTES DE LER**

1. Observe as características do próximo texto. Ele é um texto verbal, visual ou ambos? Explique.
2. Leia apenas o título do próximo texto e faça sua hipótese: De que assunto a história vai tratar? Que personagens você supõe que ela irá apresentar?

**O menino no espelho**

Levantava a perna, e ele levantava também, ao mesmo tempo. Abria os braços e ele fazia o mesmo. Coçava a orelha, e ele também.

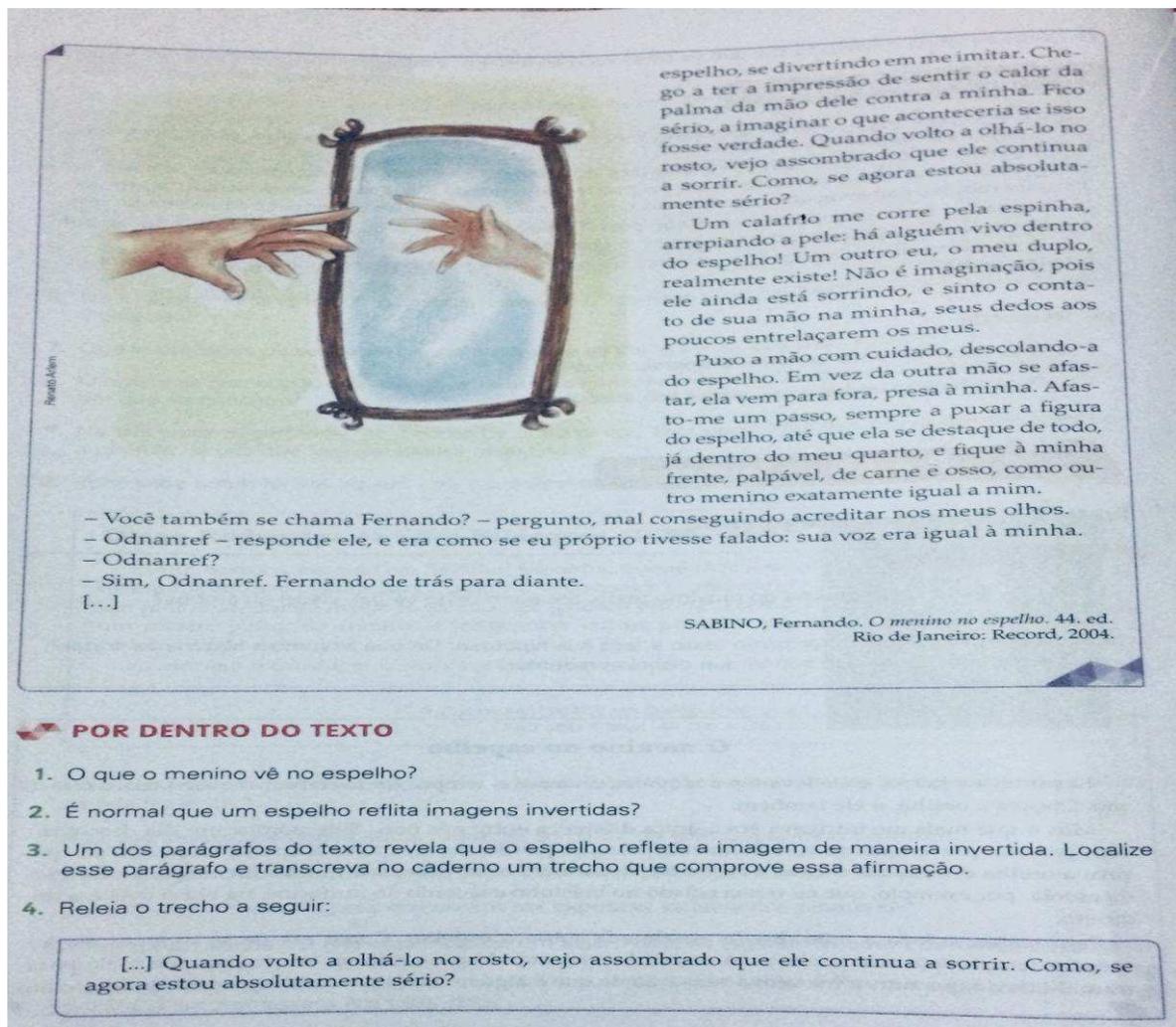
Mas o que mais me intrigava era a única diferença entre nós dois. Sim, porque um dia descobri, com pasmo, que, enquanto eu levantava a perna esquerda, ele levantava a direita; enquanto eu coçava a orelha direita, ele coçava a esquerda. Reparando bem, descobria outras diferenças. O escudo da escola, por exemplo, que eu trazia colado no bolsinho esquerdo do uniforme, na blusa dele era no direito.

Para testar, coloco a mão direita espalmada sobre o espelho. Como era de se esperar, ele ao mesmo tempo vem com a sua mão esquerda, encostando-a na minha. Sorrio para ele e ele para mim. Mais do que nunca me vem a sensação de que é alguém idêntico a mim que está ali dentro do

Fonte: LD

Na seção “Antes de ler” o livro propõe o trabalho de levantamento dos conhecimentos prévios e das expectativas do aluno, aspecto que Solé (1998) aponta como estratégia de leitura antes da leitura de fato. Esta atividade é importante, pois desperta no aluno a curiosidade e o interesse pela leitura. portanto, os professores precisam colocar em pratica essas atividades antes da leitura dos gêneros literários para que os alunos fiquem situados com o contexto da história.

Figura 03: fragmento do romance *O menino no espelho*



espelho, se divertindo em me imitar. Chego a ter a impressão de sentir o calor da palma da mão dele contra a minha. Fico sério, a imaginar o que aconteceria se isso fosse verdade. Quando volto a olhá-lo no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir. Como, se agora estou absolutamente sério?

Um calafrio me corre pela espinha, arrepiando a pele: há alguém vivo dentro do espelho! Um outro eu, o meu duplo, realmente existe! Não é imaginação, pois ele ainda está sorrindo, e sinto o contato de sua mão na minha, seus dedos aos poucos entrelaçarem os meus.

Puxo a mão com cuidado, descolando-a do espelho. Em vez da outra mão se afastar, ela vem para fora, presa à minha. Afasto-me um passo, sempre a puxar a figura do espelho, até que ela se destaque de todo, já dentro do meu quarto, e fique à minha frente, palpável, de carne e osso, como outro menino exatamente igual a mim.

– Você também se chama Fernando? – pergunto, mal conseguindo acreditar nos meus olhos.  
 – Odnanref – responde ele, e era como se eu próprio tivesse falado: sua voz era igual à minha.  
 – Odnanref?  
 – Sim, Odnanref. Fernando de trás para diante.  
 [...]

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

**POR DENTRO DO TEXTO**

1. O que o menino vê no espelho?
2. É normal que um espelho reflita imagens invertidas?
3. Um dos parágrafos do texto revela que o espelho reflete a imagem de maneira invertida. Localize esse parágrafo e transcreva no caderno um trecho que comprove essa afirmação.
4. Releia o trecho a seguir:

[...] Quando volto a olhá-lo no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir. Como, se agora estou absolutamente sério?

Fonte: LD

As perguntas são na sua grande maioria de decodificação do texto nas quais não são explorados aspectos temáticos que englobam o contexto histórico e temático do Romance.

Vale ressaltar que se torna difícil para o aluno compreender o romance que se encontra fragmentado e não é apresentada uma contextualização da história. O texto literário é apresentado, mas não é estudado adequadamente. As questões 1 e 3 são de ordem superficial,

ou seja, que exige do aluno-leitor apenas identificar no texto uma dada informação e transcrever. As questões 2, 4 e 6 exigem a opinião do aluno-leitor com base em experiências, vivências. A questão 5 instiga a realização da reflexão e de inferências por parte do aluno-leitor. As questões 7 e 8 são meramente de identificação e cópia de passagens do texto.

Logo, a maioria das questões não investe em procedimentos que buscam a inferência, a reflexão e a intertextualidade, procedimentos importantes para a formação do leitor.

Após estas questões de “compreensão”, o livro já traz na página 20 a seção referente ao estudo de reflexão gramatical (ver anexo p. 45). No capítulo ainda são apresentadas algumas tirinhas, que não têm nenhuma relação com o texto anterior, sendo utilizadas apenas para o estudo de aspectos gramaticais:

Figura 04: Atividade de reflexão sobre a língua a partir das tirinhas:

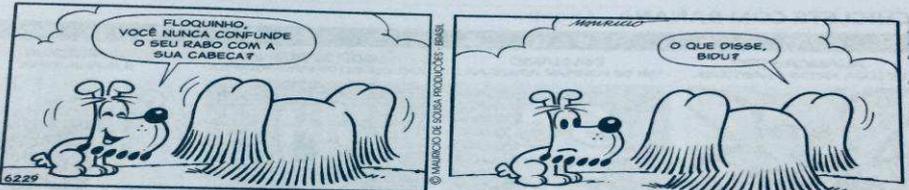
**Substantivos próprio e comum**

Há substantivos que dão nome a seres ou coisas que são identificados por traços de semelhança. Por exemplo, quando dizemos “gato”, estamos nos referindo a um animal mamífero, que tem pelos, bigode, rabo, quatro patas, além de outros traços que o diferenciam de outro animal. Todos os gatos poderão ser identificados por essa palavra. Mas, se alguém quiser diferenciar o seu gato de outro gato, dará a ele um nome próprio. Veja como a mãe de Franjinha se refere a ele e ao seu cachorro, Bidu.



Nesse caso, a mãe do menino se referiu a ele pelo nome próprio: Franjinha. Mas, ao se referir a Bidu, usou o nome comum: cachorro.

Veja, na tira a seguir, os nomes “Bidu” e “Floquinho”.



Nessa tira, foram usados os nomes próprios “Bidu” e “Floquinho” para identificar os dois cachorros e diferenciá-los de outros cachorros. Da mesma forma, na tira anterior, foi usado o nome “Franjinha” para identificar um menino entre outros meninos.

**IMPORTANTE SABER**

As palavras “Bidu”, “Floquinho” e “Franjinha” são **substantivos próprios**. As palavras “cachorro” e “menino” são **substantivos comuns**.

Para escrever nomes próprios, como “Bidu”, “Floquinho” e “Franjinha”, usamos letra maiúscula no início das palavras. Veja mais exemplos sobre esse assunto consultando o **Apêndice**.

4. Volte ao texto *O menino no espelho* e responda:

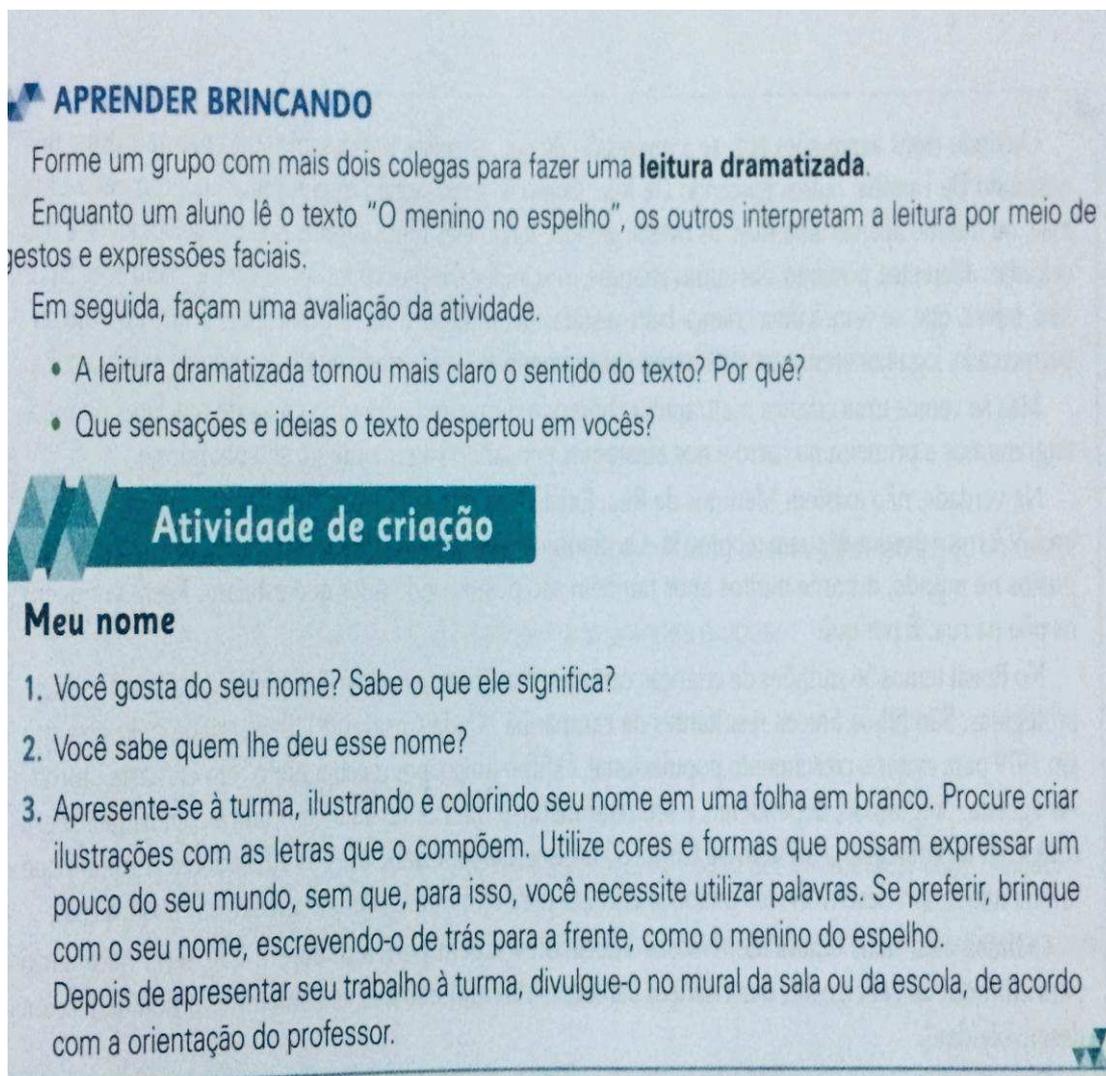
- Que nomes retirados do texto e copiados em seu caderno foram escritos com letra inicial maiúscula?
- Explique por que essas palavras foram escritas com letra inicial maiúscula.

Fonte: LD

Na página 23 são apresentadas sugestões de atividades artísticas que podem resultar em um trabalho interessante para os alunos. Além disso, a realização das atividades envolvem a

expressão corporal, importante na comunicação individual dos alunos e na interação entre os membros da turma. E ainda podem colaborar para a reconstrução dos sentidos do texto pelo leitor. Vejamos a seguir as sugestões de atividade proposta pelo LD:

Figura 05: Seção Aprendendo brincando



**APRENDER BRINCANDO**

Forme um grupo com mais dois colegas para fazer uma **leitura dramatizada**. Enquanto um aluno lê o texto "O menino no espelho", os outros interpretam a leitura por meio de gestos e expressões faciais.

Em seguida, façam uma avaliação da atividade.

- A leitura dramatizada tornou mais claro o sentido do texto? Por quê?
- Que sensações e ideias o texto despertou em vocês?

**Atividade de criação**

**Meu nome**

1. Você gosta do seu nome? Sabe o que ele significa?
2. Você sabe quem lhe deu esse nome?
3. Apresente-se à turma, ilustrando e colorindo seu nome em uma folha em branco. Procure criar ilustrações com as letras que o compõem. Utilize cores e formas que possam expressar um pouco do seu mundo, sem que, para isso, você necessite utilizar palavras. Se preferir, brinque com o seu nome, escrevendo-o de trás para a frente, como o menino do espelho. Depois de apresentar seu trabalho à turma, divulgue-o no mural da sala ou da escola, de acordo com a orientação do professor.

Fonte: LD

Um outro aspecto positivo desta atividade é que possibilita a vivência da experiência estética pela imaginação. Neste momento o aluno contextualiza o texto com o meio em que vive, ou seja, apresenta os conhecimentos prévios.

Nas páginas 23 e 24, o livro apresenta uma crônica, intitulada "De quem são os meninos de rua?", de Marina Colasanti. Diferente do romance, a crônica é colocada na íntegra e isso facilita a interpretação do aluno. Esse gênero é de autoria feminina e trata-se de uma produção contemporânea. É muito importante encontrar textos escritos por mulheres no LD, pois a maioria das obras apresentadas, inclusive neste livro, conforme registramos em tópico

anterior, é de autores masculinos e canonizados. Com isso não estamos dizendo que não é para trabalhar em sala de aula textos canônicos, pelo contrário, concordamos com Cosson (2006):

Acredita-se que a leitura na escola passa a ser uma prática democrática que busca contemplar e refletir os mesmos princípios da sociedade da qual ela faz parte [...] Dessa maneira os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la (COSSON 2006, p.33/34)

Defendemos que haja um equilíbrio na seleção e inclusão de textos de autoria masculina e feminina, garantindo também a visibilidade de autores canônicos e contemporâneos. A partir disso, percebemos o equilíbrio e a presença de autoras e autores assim, como os textos no cânone e contemporâneos. As atividades presentes sobre a crônica também não instigam o aluno a pensar, ou seja, são feitas perguntas óbvias, que não despertam o interesse e a reflexão crítica do aluno. Vejamos:

Figura 06: Prática de leitura a partir do gênero crônica

**Prática de leitura**

**Texto 3 – Crônica**

**ANTES DE LER**

Não são apenas os gostos pessoais que revelam a identidade de uma pessoa, mas também a condição social, a maneira como vive, aquilo que aprende, as opiniões e decisões. Na sequência de atividades a seguir, você lerá dois textos que têm em comum a infância como temática. Leia os títulos destes textos:

**“De quem são os Meninos de Rua?”**  
**“Esta é a minha vida”**

Agora que você leu os títulos, escreva em seu caderno o que você espera encontrar em cada um dos textos.

**De quem são os Meninos de Rua?**

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino de Família, mas também não era um Menino de Rua. É assim que a gente divide. Menino de Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino de Rua. Menino de Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão.

Como é característico no livro em análise, na seção “Prática de leitura”, o texto a ser lido é precedido de atividade de levantamento das expectativas dos alunos, incluída no item “Antes de ler”. E esta atividade como já mencionei anteriormente trata de colocar em práticas os conhecimentos prévios dos alunos. Sabemos ainda que é muito importante valorizar as contribuições trazidas por eles.

Figura 07: Prática de leitura a partir do gênero crônica

Ouvindo essas expressões tem-se a impressão de que as coisas se passam muito naturalmente, uns nascendo De Família, outros nascendo De Rua. Como se a rua, e não uma família, não um pai e uma mãe, ou mesmo apenas uma mãe, os tivesse gerado, sendo eles filhos diretos dos paralelepípedos e das calçadas, diferentes, portanto, das outras crianças, e excluídos das preocupações que temos com elas. É por isso, talvez, que, se vemos uma criança bem-vestida chorando sozinha num *shopping center* ou num supermercado, logo nos acercamos protetores, perguntando se está perdida ou precisando de alguma coisa.

Mas se vemos uma criança maltrapilha chorando num sinal com uma caixa de chicletes na mão, engrenamos a primeira no carro e nos afastamos pensando vagamente no seu abandono.

Na verdade, não existem Meninos de Rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.

No Brasil temos 36 milhões de crianças carentes. Na China existem 35 milhões de crianças superprotegidas. São filhos únicos resultantes da campanha “Cada Casal um Filho”, criada pelo governo em 1979 para evitar o crescimento populacional. O filho único, por receber afeto “em demasia”, torna-se egoísta, preguiçoso, dependente, e seu rendimento é inferior ao de uma criança com irmãos. Para contornar o problema, já existem na China 30 mil escolas especiais. Mas os educadores admitem que “ainda não foram desenvolvidos métodos eficazes para eliminar as deficiências dos filhos únicos”.

O Brasil está mais adiantado. Nossos educadores sabem perfeitamente o que seria necessário para eliminar as deficiências das crianças carentes. Mas aqui também os “métodos ainda não foram desenvolvidos”.

Quando eu era criança, ouvi contar muitas vezes a história de João e Maria, dois irmãos, filhos de pobres lenhadores, em cuja casa a fome chegou a um ponto em que, não havendo mais comida nenhuma, foram levados pelo pai ao bosque, e ali abandonados. Não creio que os 7 milhões de crianças brasileiras abandonadas conheçam a história de João e Maria. Se conhecessem, talvez nem vissem a semelhança. Pois João e Maria tinham uma casa de verdade, um casal de pais, roupas e sapatos. João e Maria tinham começado a vida como Meninos de Família, e pelas mãos do pai foram levados ao abandono.

Quem leva nossas crianças ao abandono? Quando dizemos “crianças abandonadas” subentendemos que foram abandonadas pela família, pelos pais. E, embora penalizados, circunscrevemos o problema ao âmbito familiar, de uma família gigantesca e generalizada, à qual não pertencemos e com a qual não queremos nos meter. Apaziguamos assim nossa consciência enquanto tratamos, isso sim, de cuidar amorosamente de nossos próprios filhos, aqueles que “nos pertencem”.

Mas, embora uma criança possa ser abandonada pelos pais, ou duas ou dez crianças possam ser abandonadas pela família, 7 milhões de crianças só podem ser abandonadas pela coletividade. Até recentemente, tínhamos o direito de atribuir esse abandono ao governo, e responsabilizá-lo. Mas, em tempos de Nova República, quando queremos que os cidadãos sejam o governo, já não podemos apenas passar adiante a responsabilidade. A hora chegou, portanto, de irmos ao bosque, buscar as crianças brasileiras que ali foram deixadas.

COLASANTI, Marina. *A casa das palavras*. São Paulo: Ática, 2002.



“Na verdade, não existem Meninos de Rua. Existem meninos NA rua.”

Fonte: LD

Após a apresentação do texto, são expostas etapas de compreensão da leitura realizada. Na primeira, “Trocando ideias”, a partir de alguns questionamentos (3 ao todo), as expectativas do aluno são retomadas. Na segunda etapa, “Por dentro do texto”, são apresentadas questões para a (re)construção do (s) sentido (s) do texto (ao todo 5 questões):

Figura 08: Prática de leitura a partir do gênero crônica

**TROCANDO IDEIAS**

1. Que sentimentos esse texto despertou em você?
2. Você gostou do texto? Por quê?
3. Após terminar a leitura, suas hipóteses sobre o texto se confirmaram? Explique.

**POR DENTRO DO TEXTO**

1. Que fato narrado no primeiro parágrafo desencadeou a reflexão desenvolvida ao longo do texto?
2. No texto, a categoria “meninos” é dividida em dois grandes grupos.
  - a) Quais são esses grupos?
  - b) Como eles são diferenciados no texto?
  - c) Em sua opinião, o texto pode ser considerado preconceituoso por estabelecer essa divisão?
  - d) O menino a quem o narrador se refere no início da crônica se encaixa em qual dos dois grupos? Justifique sua resposta transcrevendo um trecho do texto.
3. A crônica descreve a diferença no comportamento das pessoas diante de uma criança bem-vestida chorando e de uma criança maltrapilha fazendo o mesmo.
  - a) Qual é essa diferença?
  - b) Em sua opinião, por que acontece essa diferença de comportamento?
  - c) O que, provavelmente, a autora quis dizer ao usar a expressão “filhos diretos dos paralelepípedos e das calçadas”?
4. O texto estabelece um paralelo entre as 36 milhões de crianças carentes do Brasil e as 35 milhões de crianças superprotegidas da China, associando alguns problemas a cada uma dessas realidades.
  - a) O que gerou, na China, 35 milhões de crianças superprotegidas?
  - b) Quais problemas são associados aos filhos únicos da China?
  - c) Levante uma hipótese: O que pode ter gerado, no Brasil, 36 milhões de crianças carentes?
  - d) Aponte um problema do Brasil que, em sua opinião, pode ser associado ao grande número de crianças carentes.
5. Releia o último parágrafo do texto e conclua: A culpa do abandono das crianças brasileiras é atribuída apenas ao governo? Por quê?

**TEXTO E CONSTRUÇÃO**

1. Em sua opinião, por que foi utilizada a letra inicial maiúscula nos termos destacados no trecho a seguir?

Talvez não fosse um **Menino de Família**, mas também não era um **Menino de Rua**.

Fonte: LD

No caso do estudo da crônica, pelo seu caráter reflexivo e interpretativo sobre um assunto do cotidiano, seria uma ótima oportunidade para estabelecer um resgate de aspectos do contexto sócio-histórico e cultural dos alunos como parte da compreensão textual. No entanto, assim como no estudo do gênero romance, inclusive as questões não diferem muito, indicando que não são observadas as especificidades de cada gênero, predominam questões de identificação e transcrição textual (cópia). É o que observamos nas questões 1, 2 (letras a, b e d), na letra “a” da questão 3, nas letras “a” e “b” da questão 4 e na questão 5. As únicas exceções, são a letra “c” da questão 2, as letras “b” e “c” da questão 2 e as letras “c” e “d” da questão 4. Estas últimas se caracterizam como questões de inferência.

Um outro aspecto observado, é que o LD ora emprega na questão “narrador”, referindo-se à pessoa que enuncia no texto, ora “autora”, podendo gerar uma confusão entre a pessoa que escreve o texto (autora) e a pessoa que faz parte do discurso narrativo (aquele que narra, conta a história). Vejamos duas situações empregadas na atividade:

Figura 09: Prática de leitura a partir do gênero crônica

b) Em sua opinião, por que acontece essa diferença de comportamento?

c) O que, provavelmente, a autora quis dizer ao usar a expressão “filhos diretos dos paralelepípedos e das calçadas”?

Fonte: LD

Figura 10: Prática de leitura a partir do gênero crônica

d) O menino a quem o narrador se refere no início da crônica se encaixa em qual dos dois grupos? Justifique sua resposta transcrevendo um trecho do texto.

Fonte LD

Podemos sintetizar, a partir das questões analisadas, que o LD ainda contribui pouco para o leitor atuar de maneira ativa frente ao texto lido, garantindo e estimulando o desenvolvimento de habilidades que tornam o aluno-leitor capaz de: resgatar aspectos do contexto como parte da compreensão textual; reconstrução de sentidos possíveis para o texto; compreensão de que há particularidades em cada gênero literário, a partir da exploração de procedimentos e recursos expressivos empregados nos textos; estabelecer inferências, reflexão e a intertextualidade entre as leituras realizadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da nossa pesquisa, pudemos chegar a algumas constatações que consideramos importantes. A primeira delas diz respeito à postura das professoras com relação ao trabalho com os gêneros literários. Percebemos que as professoras entrevistadas sabem da importância de levar para a sala de aula gêneros literários, no entanto, observamos também que elas não especificam as estratégias metodológicas que utilizam na abordagem dos gêneros textuais. Aspecto que merece atenção, pois sabemos que, para formar leitores, é imprescindível um trabalho planejado e significativo para os alunos, de forma que eles adquiram competências básicas como decodificar, estabelecer relações entre partes do texto lido, comparar e analisar informações, distinguir fato de opinião, fazer inferências e sínteses (SOLE, 1998).

O ambiente escolar é uma instituição de grande importância na vida dos alunos, pois é o lugar que devemos estimulá-los nas leituras dos gêneros literários. Sabemos que sempre vamos encontrar alunos que tem dificuldade de compreender os gêneros, mas para isso, precisamos entender o contexto e a carga de leitura trazidas por eles. Os profissionais de Letras devem fazer com que os alunos fiquem mais motivados à leitura mobilizando e utilizando a biblioteca com criatividade que despertem para o mundo da leitura de diversos gêneros.

Com relação à abordagem dos gêneros literários pelo livro didático, constatamos a presença dos textos literários, mas chamou à atenção a predominância ainda de textos de autoria masculina pertencente ao cânone. A produção de autoria feminina permanece quase invisível nas páginas do LD. Em decorrência disso, professores e alunos da educação básica ficam com a imagem de que a produção literária de autoria feminina no país é pouco expressiva e isto não reflete a realidade. Temos nomes importantes, muitas são reconhecidas inclusive fora do país, várias com textos voltados para o público infanto-juvenil. A título de exemplo, podemos citar: Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Clarice Lispector, Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Roseana Murray, Ana Maria Machado, Geni Guimaraes, dentre tantas outras. Além disso, as atividades continuam limitadas a questões de compreensão de informações explícitas no texto.

Outro problema é a recorrência de textos maiores que aparecem fragmentados (pseudo-textos), perdendo-se o valor semântico e limitando-se a possibilidade de apreciação estética. Porém, o mais grave: os textos são trabalhados sem demonstrar preocupação com a formação do gosto pela leitura dos alunos, uma vez que as atividades poucas vezes possibilitam a

vivência da experiência estética pela imaginação, sem se preocupar com a apreensão por parte do aluno do que há de particular e único em cada gênero literário, pelo contrário revelam a preocupação com o ensino/aprendizagem de gramática.

Sendo o livro didático uma ferramenta de apoio mais acessível em sala de aula e muitas vezes, a única, é fundamental que os professores comecem a explorar ou adaptar alguns gêneros literários com base nas concepções de alguns teóricos que visam priorizar o texto literário como o meio de comunicação e interação.

Com isto não queremos dizer que o LD não deve ser utilizado em sala de aula, mas sim que se torne prática de uma visão crítica do professor em relação ao LD, até porque nenhum material didático pode, por melhor elaborado que seja, garantir, por si só, a qualidade e a efetividade, quer do ensino, quer da aprendizagem. Logo, o LD não deve ser o único recurso em sala de aula, apesar de sua relevância. O professor deve buscar outros recursos, visando otimizar o processo de ensino- aprendizagem.

Diante do exposto, percebemos que os gêneros literários precisam ser mais valorizados nas aulas de língua portuguesa, pois são extremamente importantes para o método comunicativo e para a formação escolar, por esse motivo, temos consciência de que para uma melhor condução do processo ensino-aprendizagem é essencial explorar os aspectos estruturais e sua teoria de maneira explícita, sem confundir um gênero com outro. Por tanto chegamos a conclusão de que os gêneros literários devem ser ensinados com o propósito de contribuir para o melhor desenvolvimento dos alunos do ensino Fundamental II.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Mesa-redonda Práticas de Leituras: história e modalidades, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. [www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm)

\_\_\_\_\_, Márcia **Cutura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ALVES, José Hélder Pinheiro (Org). **Memórias da Borborema: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: ABRALIC, 2014.

ARISTÓTELES. Arte Retórica e Arte Poética. Edições de Ouro, Coleção Universidade, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: A Secretária, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: SEB/MEC, 2006. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>

BRANDÃO, H. M. B.; MARTINS, A. A. A leitura literária no PNLD diante dos PCN's. In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (Orgs.). Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 253 -276.

CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

COLL, C. Psicologia y curriculum. **Uma aproximación psicopedagogia a la elaboración del curriculum escola**. Barcelona: Laia, 1987.

COSSON, Rildo **Letramento literário: teoria e prática** \ Rildo Cosson – São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. SOUZA, Renata Junqueira de. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. UNESP, Agosto-2011. Disponível em: Acesso em: 07/01/2018.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 3ª ed. São Paulo: Ática. 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. O texto não é pretexto, in *Leitura em Crise na Escola. As Alternativas do Professor*. Regina Zilberman (org.), Porto Alegre: mercado Aberto, 1982.

OLIVEIRA, Tania Amaral et all. **Tecendo Linguagem: Língua Portuguesa**. 6º ano ed. São Paulo: IBEP, 2015.

PINHEIRO, Najara Ferrari. *A noção de gêneros para análise de textos midiáticos*. In. MEURER, J. L., MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru (SP): EDUSC, 2002

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. (Org.). **O conto e o romance contemporâneos na perspectiva das literaturas Pós-autônomas**. Campina Grande: ADUEPB, 2016.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007. 85 p.

\_\_\_\_\_. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In A escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. In: Caderno de formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v.2, p. 101-108.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. Porto alegre: Mercado aberto, 1990.

# APÊNDICES

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES CURSO: LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA
	PESQUISADORA: LÍGIA GABRIELA DA CRUZ DOS SANTOS
	PROFESSORA ORIENTADORA: ANA LÚCIA

**QUESTIONÁRIO PARA ANALISAR A ABORDAGEM DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO LIVRO DIDÁTICO**

Caro professor (a),

Sou aluna do curso de Letras-Português e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a abordagem dos gêneros literários pelo livro didático. Seria de grande contribuição a sua colaboração respondendo este questionário. Neste sentido, agradeço a sua participação.

1. Identificação:	<i>[Handwritten signature]</i>
2. Escola que leciona: Pública (x) Privado ( )	
3. Formação acadêmica: (x) Graduação completa ( ) Graduação incompleta ( ) Mestrado ( ) Doutorado	
4. Tempo de experiência profissional: ( ) 1 a 3 anos ( ) 5 a 10 anos (x) 10 a 25 anos	
5. Você trabalha a leitura de textos literários em sala de aula? Por quê?	   
6. Dos gêneros literários abaixo assinale o que você costuma levar para sala de aula: (x) Poema (x) Quadrinhos ( ) Romance (x) Peça (x) Contos (x) Crônicas (x) Cordel ( ) Outros	<i>Fábulas, minicontos, lendas, narrativas de aventura, tirinhas, história em quadrinhos relato pessoal</i>
7. Quais os gêneros literários mais explorados nas suas aulas de língua portuguesa? Por quê?	<i>minicontos, tirinhas, história em quadrinhos</i>
8. Seus alunos costumam compartilhar leituras realizadas fora do ambiente escolar?	<i>nao.</i>
9. Quais as estratégias metodológicas que você utiliza ao trabalhar os gêneros literários?	<i>Realizo a leitura do texto em voz alta com os alunos para lerem e após a leitura observamos e refletimos sobre a construção do sentido, o jogo de palavras e ideias e os elementos do texto.</i>

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES CURSO: LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA
	PESQUISADORA: LÍGIA GABRIELA DA CRUZ DOS SANTOS
	PROFESSORA ORIENTADORA: ANA LÚCIA

### QUESTIONÁRIO PARA ANALISAR A ABORDAGEM DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO LIVRO DIDÁTICO

Caro professor (a),

Sou aluna do curso de Letras-Português e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a abordagem dos gêneros literários pelo livro didático. Seria de grande contribuição a sua colaboração respondendo este questionário. Neste sentido, agradeço a sua participação.

1. Identificação:	
2. Escola que leciona: Pública <input checked="" type="checkbox"/> Privado ( )	
3. Formação acadêmica: <input checked="" type="checkbox"/> Graduação completa ( ) Graduação incompleta ( ) Mestrado ( ) Doutorado	
4. Tempo de experiência profissional: <input checked="" type="checkbox"/> 1 a 3 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 25 anos	
5. Você trabalha a leitura de textos literários em sala de aula? Por quê?	Sim. Porque o texto literário é algo que deve ocorrer, mas de forma adequada, pois é nesse papel formar leitores, além é claro, dos outros tipos de leituras que não a literatura.
6. Dos gêneros literários abaixo assinale o que você costuma levar para sala de aula: <input checked="" type="checkbox"/> Poema <input checked="" type="checkbox"/> Quadrinhos ( ) Romance <input checked="" type="checkbox"/> Peça <input checked="" type="checkbox"/> Contos <input checked="" type="checkbox"/> Crônicas <input checked="" type="checkbox"/> Cordel ( ) Outros	
7. Quais os gêneros literários mais explorados nas suas aulas de língua portuguesa? Por quê?	Poema. Porque a poesia sensibiliza qualquer ser humano, inclusive as crianças, pois quando recitam uma poesia falamos com a alma, por isso, ela precisa ser cultivada.
8. Seus alunos costumam compartilhar leituras realizadas fora do ambiente escolar?	Sim, pois faço questão de trabalhar mal a via parte, fazendo com que eles levem livros para casa.
9. Quais as estratégias metodológicas que você utiliza ao trabalhar os gêneros literários?	Textos literários funcionais; Textos do patrimônio oral, poemas e letras de músicas; Textos com a finalidade de construir e fazer circular entre as pessoas o conhecimento escolar.

# ANEXO

## UNIDADE 1

## SER E DESCOBRIR-SE

## Capítulo 1

<b>QUEM É VOCÊ?</b> .....	<b>14</b>
▶ Para começo de conversa .....	14
TROCANDO IDEIAS .....	15
▶ Prática de leitura .....	15
<b>Texto 1 – Tela</b> .....	15
<i>(Velázquez, 2000, Rodrigo Cunha)</i>	
POR DENTRO DO TEXTO .....	15
▶ Prática de leitura .....	17
<b>Texto 2 – Romance (fragmento)</b> .....	17
<i>(O menino no espelho, Fernando Sabino)</i>	
POR DENTRO DO TEXTO .....	18
MOMENTO DE OUVIR .....	19
▶ Reflexão sobre o uso da língua .....	20
Substantivo	
Substantivos próprio e comum	
APLICANDO CONHECIMENTOS .....	22
APRENDER BRINCANDO .....	23
▶ Atividade de criação .....	23
Meu nome	
▶ Prática de leitura .....	23
<b>Texto 3 – Crônica</b> .....	23
<i>(De quem são os meninos de rua?, Marina Colasanti)</i>	
TROCANDO IDEIAS .....	25
POR DENTRO DO TEXTO .....	25
TEXTO E CONSTRUÇÃO .....	25
CONFRONTANDO TEXTOS .....	26
▶ Reflexão sobre o uso da língua .....	27
Substantivos simples e composto, primitivo e derivado, concreto e abstrato	
DE OLHO NO VOCABULÁRIO .....	30
APRENDER BRINCANDO .....	31
▶ Prática de leitura .....	31
<b>Texto 4 – Retrato falado</b> .....	31
<i>(Projeto UpDown)</i>	
POR DENTRO DO TEXTO .....	32
▶ Na trilha da oralidade .....	33
Entrevista	
▶ Reflexão sobre o uso da língua .....	34
Flexão do substantivo (gênero, número e grau)	
▶ Produção de texto .....	35
Retrato falado	
▶ Leia mais .....	36
▶ Preparando-se para o próximo capítulo .....	36